

## PECUÁRIA DE CORTE: TECNOLOGIA E GESTÃO

**\* Roberto Rodrigues**

Os pecuaristas brasileiros, produtores da melhor carne do mundo, sofreram duramente nos últimos anos com os preços do boi gordo bastante deprimidos. Apesar de conquistarmos cada vez mais novos mercados – hoje exportamos carne para 150 países – os preços ficaram baixos por razões pouco explicadas.

No entanto, nos últimos meses houve uma mudança no cenário, e eles subiram um pouco. Ainda não foram corrigidos para os índices anteriores a 2003, mas já remuneram melhor o produtor. O câmbio tem sido um elemento adicional para a baixa remuneração e aí não há horizonte de mudanças significativas no curto prazo.

A sobrevivência dos produtores tem sido oportunizada pelo salto no patamar tecnológico. Há 10 anos, um boi ia para o frigorífico com 4 anos de idade, pesando 22/23 arrobas. Hoje, com 18 meses já está em ponto de corte, com 15/16 arrobas. Com isso, tem sido possível extrair muito mais carne por hectare. A divisão, a rotação e o manejo de pastagens, sua adubação (em alguns casos até irrigação) e o uso de novas forrageiras mais nutritivas, se somam a um espetacular melhoramento genético do nosso rebanho, seja no caso de raças zebuínas puras como o nelore ou o guzerá, seja no cruzamento industrial em que o zebu é cruzado com raças européias ou americanas.

O resultado é notável: o boi brasileiro pode ser chamado de “boi verde”, porque cresce em regime de pasto e não consome farinhas de origem animal, o que acaba com a possibilidade de doenças terríveis como o mal da vaca louca. Por outro lado, temos sol o ano todo e não precisamos estabular o gado no inverno.

Portanto, nossas vantagens comparativas são enormes. Mas corremos o risco de perdê-las por duas razões: a defesa sanitária e a rastreabilidade.

No primeiro caso, o problema maior é a aftosa. Embora esta doença de animais não ataque a espécie humana, os países importadores suspendem suas compras de países onde ela ocorre, com medo de ser transmitida a seus próprios rebanhos. Há muito de interesse comercial nisso. Mas, de qualquer forma, é um tema que precisa ser tratado com rigor por governos e produtores, porque um único governante ou produtor relapso pode prejudicar todo o país, embora a maioria absoluta destes seja muito cuidadosa. E a questão só será resolvida em definitivo quando todos os países da América do Sul trabalharem juntos. Não é tão difícil, basta a vontade política.

A outra área é a rastreabilidade, mecanismo que permite aos consumidores ter uma carne de qualidade certificada, com o conhecimento de todas as etapas de produção. Esta é uma tendência mundial irreversível, e não só para a carne: consumidores do mundo todo estão cada dia mais exigentes quanto aos fatores de produção, na direção da sustentabilidade técnica, ambiental e social. E já

caminhamos para a certificação da propriedade rural, o que dá mais precisão ao processo.

Ambas as questões – defesa e rastreabilidade – são elementos de gestão, bem como a novíssima integração lavoura-pecuária introduzida pela EMBRAPA.

Os pecuaristas brasileiros já deram testemunho de sua grande vitalidade ao incorporarem novas e modernas tecnologias de produção. Podemos aproveitar esta fase de preços melhores para investir ainda mais na gestão do setor, para que nossa competitividade fique para sempre imbatível.

**\* Coordenador do Centro de Agronegócio da FGV, presidente do Conselho Superior de Agronegócio da Fiesp e professor de Economia Rural da Unesp/Jaboticabal**